

MEMORIAS NO CORPO: CULTURA CORPORAL E IDENTIDADE NO RECÔNCAVO BAIANO

Maria Cecília da Paula Silva
Lilian Quelle Santos de Queiroz

RESUMO

Pesquisa histórica sobre a cultura corporal afro-brasileira na Irmandade da Boa Morte (Cachoeira/BA) apreendendo elementos significativos na Festa anual. Fundamentais Corpo e Oralidade na cultura de matriz africana, fatores de assimilação e disseminação da mesma. O corpo é relevante para detectar significações histórico-culturais afirmando a identidade afro-brasileira. Constatamos a reconstrução da cultura popular feminina rememorando a luta pela libertação e o pouco reconhecimento de sua população como partícipe desse processo, apesar de majoritariamente constituírem-se de afro-descendente. Ao destacar elementos paradigmáticos dessa cultura que permanece, indicamos a importância da escola para compreensão identitária do povo, sua história e cultura, tão silenciada.

Palavras-chave: Cultura Afro-Brasileira. Corpo-cultura. Cultura Corporal. Historia Oral/Memória. Identidade/Educação.

ABSTRACT

Historical research on the corporal culture afro-Brazilian in the Irmandade Boa Morte(BA) apprehending elements in the Party. Basic Body and Orality in the culture of African matrix, factors of assimilation and dissemination. The body is excellent to detect description-cultural means affirming the identity. We evidence the reconstruction of the feminine popular culture recollecting the fight for the release and the little recognition of its population as informing of this process, although mainly to consist of afro-descendant. When detaching elements of this culture that remains, we indicate the importance of the school for identity understanding of the people, history and culture.

Key words: Culture Afro-Brazilian. Body-Culture. Corporal Culture. Verbal History/Memory. Identity/Education.

RESUMEN

Investigación histórica sobre la cultura corporal afro-Brasileña en la Irmandade da Boa Morte mirando capturar elementos considerable en la fiesta. El cuerpo es excelente detectar significações descripción-culturales que afirma la identidad afro-Brasileña. Evidenciamos la reconstrucción de la cultura popular femenina que recuerda la lucha para el lanzamiento y el poco reconocimiento de la población como informando este proceso, aunque la mayoría de la población afro-descendiente. Al separar elementos de los paradigmáticos de esta cultura que siga habiendo, indicamos la importancia de la escuela para la comprensión del identitária de la gente, su historia y cultura, silenciadas tan.

Palabra clave: Cultura Afro-Brasileña. Cuerpo-Cultura. Cultura Corporal. Historia/Memoria. Identidad/Educación.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca refletir sobre determinadas maneiras em que a cultura corporal torna-se elemento de afirmação no processo de construção da identidade na cultura afro-brasileira, especificamente na Irmandade da Boa Morte em Cachoeira, Bahia, articulando as relações entre Irmandade e os elementos corporais que a constituem. Pesquisa histórica de caráter qualitativo utilizando instrumentos da história oral e imagética. Visa apreender, na relação estabelecida entre as expressões corporais da Festa da Boa Morte e a historicidade dessa manifestação cultural, alguns elementos significativos para sua afirmação como a cultura e história de nosso povo. O corpo e a oralidade são fundamentais na construção e expressão da cultura de matriz africana e, no Brasil, tem se firmado como fator recorrente de assimilação e disseminação dessa cultura. Compreendemos como relevante esta articulação entre a Irmandade e as relações do corpo - como elemento que a constitui -, para detectar expressões e significações histórico-culturais, contribuindo para a consideração de nossa identidade afro-brasileira. Dos resultados, destacamos a importância de se considerar a história na reconstrução da cultura de nosso povo. Em especial, das mulheres da Irmandade que, por entre o ritual da Festa rememora a luta de seu povo por sua libertação. Outra questão relevante é que, apesar da cidade de Cachoeira possuir a maioria de sua população constituída por afro-descendentes, em sua maioria, elas não se reconhecem como parte integrante desse processo histórico que lhes é tão peculiar.

CULTURA CORPORAL: LINGUAGEM E POTENCIALIDADES

No sentido de ampliar a discussão no campo da cultura corporal como uma forma de potencializar a expressão, apreensão e percepção dos indivíduos com o mundo e o desenvolvimento das relações com elementos que os circundam, se faz necessária a compreensão das matrizes constituintes do acervo cultural da humanidade no qual nos encontramos inseridos. A composição identitária moldada principalmente pela herança colonial, como no caso do Brasil, é uma mescla complexa de matrizes que se articulam entre si criando novas possibilidades de representação da cultura local de um dado povo. Nesse contexto, existem fatores que relacionam cultura corporal às manifestações da cultura afro-brasileira, entendidas por muito tempo como desprovidas de valor acadêmico e a margem do contexto escolar formal.

Entretanto, não nos propomos, nesse estudo, a defesa de uma “cultura única” nem a formação de uma identidade baseada na unicidade das expressões culturais, tão pouco na mera reprodução. Como defendem as teorias pós-críticas¹ do currículo:

“... as diversas culturas seriam o resultado das diferentes formas pelas quais os variados grupos humanos, submetidos a diferentes condições ambientais e históricas, realizam o potencial criativo que seria uma característica comum de todo o ser

¹Segundo Tomás Tadeu da Silva (2005), as teorias do currículo estão divididas conforme seus temas de abordagem e tempo histórico em tradicionais, críticas e pós-críticas. Esta última se ocupa, dentre outros temas, de discussões acerca de identidade, alteridade, diferença, subjetividade, significação e discurso, saber-poder, representação e Cultura.

humano. As diferenças culturais seriam apenas a manifestação superficial de características humanas mais profundas. Os diferentes grupos culturais se tornariam iguais por sua comum humanidade.” (SILVA, 2005, p.86)

Essa perspectiva traz à tona que a identidade cultural é construída principalmente pelos fatores que diferem cada cultura, cada forma de apreender o mundo, historicamente construído pelos indivíduos numa dada sociedade, de uma dada configuração, mas que possuem um tronco comum. Como no caso das manifestações culturais de origem afro-brasileira. Pertencem, originalmente, a locais diferenciados, crenças diferenciadas, mas tem o continente africano como berço comum de origem. O currículo aqui é entendido como instrumento vinculado as relações de poder (SILVA, 2005), e que, portanto contribui para a inclusão ou exclusão dos conteúdos a serem estudados no ambiente escolar formal.

A Cultura Corporal, juntamente com a Oralidade/memória (história do tempo presente – representações do passado em constante mobilidade), é considerada como elemento importante na construção e expressão da cultura de matriz africana e, no Brasil, tem se firmado como fator recorrente de assimilação e disseminação dessas formas culturais. Assim como na capital baiana a cidade de Cachoeira, localizada na região do Recôncavo Baiano², possui a maioria de sua população constituída por afro-descendentes. No entanto, esta população, em sua maior parte ainda não se reconhece como parte integrante desse processo histórico que lhe é tão peculiar.

SOBRE A IRMANDADE DA BOA MORTE E CACHOEIRA – BA: BREVE CONTEXTO³

A região do Recôncavo compreende um contexto histórico de resistência ao escravismo e formação identitária do povo baiano e porque não dizer brasileiro. A cidade de Cachoeira foi durante muitas décadas do período colonial a segunda cidade mais importante da Bahia, graças aos tempos áureos do lucrativo cultivo da cana-de-açúcar e fumo. Cidade tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico (IPHAN), conhecida pelas ruas estreitas calçadas de pedras e pelos casarios coloniais, tem um patrimônio imaterial tão importante quanto pouco conhecido. É essa região notável culturalmente, que acolhe a Irmandade da N. S^a da Boa Morte, uma celebração de fé e tradição que acontece desde o tempo que o Brasil ainda era sustentado pelo trabalho escravo. Essa manifestação simboliza a luta de um povo pela sua existência e tradição transmitida através das gerações, sobretudo via oralidade, conseqüentemente via memória.

E é justamente nessa linha tênue que se encontram o corpo e a memória na Irmandade da N. S^a Boa Morte, bem como na maioria das manifestações de herança africana e popular. Cujo corpo tem transmitido através das gerações uma trajetória de luta, resistência e construção de identidade nacional.

²Recôncavo Baiano corresponde a região geográfica situada em torno da Baía de Todos os Santos, constituída por várias cidades baianas; segundo dicionário Aurélio é sinônimo de terra fértil e extensa, no caso desta pesquisa o objeto de estudo encontra-se na cidade de Cachoeira.

³ Além das informações coletadas nos livros de João José Reis, Raul Lody e Armando Castro, as demais informações foram apreendidas na Comemoração da Irmandade da Boa Morte, em Agosto de 2008, junto a integrantes da Confraria e organizadores do evento.

Perceber o potencial do corpo enquanto linguagem é entender o quanto os corpos das Irmãs unidas pela crença e pela fé, e sob o olhar atento da memória, têm a nos reportar. Como pontuou Armando Castro:

“Ao passo que é escassa a documentação sobre a confraria, as irmãs, principalmente as mais idosas, se constituem como fontes solítas e generosas. Seus depoimentos, lembranças e esquecimentos, suas histórias de vida relacionadas à Boa Morte se configuram então como documentos de importância sem par.” (CASTRO, 2006, p.39)

Desta maneira, ouvir o relato das próprias irmãs é o caminho mais efetivo para se entender a cultura expressa nessa manifestação. Não por acaso, o legado cultural que a Irmandade contempla é de notável relevância no campo educacional, pois, partindo da perspectiva da história e da memória do país, essa manifestação representa parte fundante na formação e a construção da identidade nacional, desde o tempo da escravidão, passando pelo sincretismo religioso junto a igreja católica, a luta das camadas populares pela liberdade, até os dias atuais (século XXI), e tem chamado a atenção de estudiosos e pesquisadores de inúmeras áreas do conhecimento, como a antropologia, a sociologia, o turismo e a educação por contemplar tão ricamente a cultura afro-brasileira.

CORPO, MEMÓRIA E IDENTIDADE NA CIDADE DE CACHOEIRA

Vivemos socialmente pelo corpo e é através dele que nos relacionamos, aprendemos, descobrimos e marcamos nossa presença no mundo, pois esta é corporal (PAULA SILVA, p.28, 2002)

Perceber ou estudar homem como um fator isolado, desvinculado de suas interações históricas e sociais é desprezar as relações que o fazem ser como é, e não de outra forma, pertencente a uma dada cultura e não a uma outra forma cultural. Por meio do corpo a humanidade se constitui como estrutura complexa que se torna possível de interpretação com o auxílio das interfaces geradas entre áreas do conhecimento como a antropologia, sociologia e história. A partir desta compreensão, tem-se pensado uma nova lógica de existência do corpo. E essa existência humana e, portanto, corpórea, além de ser histórica, também é cultural.

Para o entendimento de corpo nesse estudo tomam-se como referencial teórico os estudos de Clifford Geertz (1989), bem como os estudos de Maria Cecília de Paula Silva (2002). Geertz afirma que a discussão acerca do homem só é passível de existir a partir de um referencial cultural, ou seja, não se pode desvincular o homem da cultura, posição compartilhada por Jocimar Daólio⁴ (1995), pois, ao se associar qualquer adjetivo ao corpo adota-se uma dinâmica cultural particular, que só faz sentido num grupo específico, que pode ser entendido como o grupo cultural, no qual o indivíduo se encontra inserido.

⁴ Jocimar Daólio é Professor de Educação Física da UNICAMP

Mais precisamente, um corpo específico, num contexto específico. Daólio diz ainda que:

“O corpo é uma síntese da cultura, porque expressa elementos da sociedade da qual faz parte. O homem, através do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sócias, num processo de **incorporação**. Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões.”

Considera-se o entendimento de corpo aqui adotado parte da perspectiva apresentada por Paula Silva (2002, p. 46):

a concepção de corpo real, a imagem do “tipo real” considerada se situa no entendimento de ser no mundo, de homem real e das condições econômicas e sociais em que ele tem de viver, isto é, uma perspectiva de totalidade. E não uma forma reducionista em que se considera o ser humano – corpo – de forma fragmentada, própria do dualismo cartesiano, em que se observa e apreende a visão dicotomizada do ser, pois pensar o corpo significa refletir sobre sua totalidade.

Portanto, não pode haver transmissão de cultura, nem formação de sociedade se não houver um corpo no qual se possa comportar essa gama de significados, ou seja, o que se pode interpretar da realidade concreta na qual se vive, o corpo vai além do suporte temporal da cultura, ele é a construção cultural da sociedade. Na contemporaneidade, não mais comporta ressaltar apenas o aspecto biológico, ou o social, ou ainda intelectual do homem, seria compartimentá-lo e manter o discurso de um sistema dominante que visa à reprodução e a dominação.

Para GEERTZ (1989), todos os hábitos expressos pelos gestos, pela maneira de caminhar, de falar, de interagir com outro, enfim de estar em um dado lugar do mundo é predominantemente guiado pela cultura, pois o homem é um ser de natureza cultural

“... o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa á procura do significado (...)”

Outro tipo de “corpo” passível de interpretação e carregado de subjetividade é a memória, que também é um fator corporal. É o mecanismo pelo qual se pode acessar realidades outras, vivenciadas ou relatadas em momentos históricos a que se pertence ao a que se viu referir. Para os mais formais, podemos afirmar que a memória funciona como principal fonte de um procedimento metodológico que á a História Oral, no qual se entende que história, tempo e memória é um processo interligado e que o tempo da memória ultrapassa o tempo individual (DELGADO 2006). A memória é o alimento que dá suporte as narrativas e depoimentos orais, e cada vez mais tem ganhado espaço e

reconhecimento enquanto procedimento metodológico de investigação, pois se utiliza, dependendo do enfoque do depoimento de dois amplos recursos: a história do tempo passado e a história do tempo presente.

A História Oral, em suas diversas instâncias (sejam passado ou presente), compõe um acervo que agrega memória de comunidades, bairros, cidades, e permite que essas histórias sejam contadas pelas próprias pessoas que se tornam sujeitos dessa história. As manifestações artístico-culturais que pertencem a cultura afro-brasileira são difundidas e mantidas em sua maioria em grande parte devido à resistência da oralidade, como outra forma de contar histórias, valorizar e aperfeiçoar a comunicação entre os indivíduos, inovar e otimizar os processos educativos.

A confraria secular que hoje se encontra sediada na cidade de Cachoeira compõe um ritual que inclui procissões, missas (embora a Irmandade não possua nenhum vínculo oficial com a Igreja Católica), vigílias, ceias e o samba de roda. Também de herança portuguesa (REIS), esses rituais tem se repetido e passado de gerações em gerações pelas próprias Irmãs, numa hierarquia defendida e respeitada pelas mulheres integrantes da Irmandade. Desde o tempo da escravidão, escravas negras, sejam nas senzalas ou alforriadas, reuniam-se para lutar pelo fim da escravatura, prestar assistência aos seus irmãos feridos na labuta e rezar pelos que morreram na luta. Nessas ocasiões, as irmãs prometeram que, com o fim da escravidão iriam comemorar todo o ano a Morte e a Assunção de Nossa Senhora.

O tempo passou e a promessa feita pelos ancestrais das Irmãs vem se cumprindo a cada ano, passando de corpo para corpo. Não se pode afirmar se a mesma irmandade fundada na Bahia, na Igreja da Barroquinha (REIS,1975) é a que se encontra representada pelas irmãs em Cachoeira, tendo em vista ausência de documentação que comprove tal feito, entretanto se pode notar que a Festa da Irmandade da Boa Morte de Cachoeira é a identidade que a cidade construiu, pelo menos para o olhar externo de quem não integra esta comunidade.

A Irmandade da Boa Morte é essencialmente feminina, composta por mulheres negras de idade avançada, que em geral compartilham da mesma fé (no caso o candomblé). Na verdade, os preparativos da festa começam a serem pensados um ano antes da festa seguinte, através do voto, as irmãs definem a quem irá pertencer à direção do próximo festejo. Geralmente, para uma irmã chegar a esse cargo mais importante administrativamente, o de Procuradora Geral, é necessário que ela já tenha participado de todos os outros cargos integrantes da irmandade. Há ainda o cargo de maior destaque, o de Juíza Perpétua, concedido à irmã mais idosa da confraria. Abaixo desses supracitados estão ainda os cargos de Provedora, Tesoureira, Escrivã e o mais inicial de todos que é o de “Irmã da Bolsa”, no qual a candidata deve prestar serviços para a irmandade durante três anos nos quais a sua conduta será avaliada para confirmar ou não o seu ingresso caso esteja apta a exercer as funções inerentes ao cargo.

A Irmandade já foi deveras numerosa, há relatos que afirmam já ter existido cerca de mais de duzentas integrantes. No ano de realização dessa pesquisa (2008), vinte e duas irmãs oriundas não somente de Cachoeira, mais também de outros municípios do Recôncavo Baiano como São Felix, Maragojipe e Muritiba, integravam a confraria. O fato é que séculos após o surgimento das confrarias, em Cachoeira a irmandade encontrou o lugar para pousar seu corpo múltiplo (quer seja de origem jeje, keto ou nagô), entendendo o lugar enquanto espaço praticado e experienciado pelo corpo. Para TUAN, (1983) “o homem, como resultado de sua experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e sociais.”, dessa maneira o solo cachoeirano mostrou-se

oportuno político, econômico e socialmente para recepcionar outra configuração da Irmandade da N^a S^a da Boa Morte.

A dimensão da oralidade, conseqüentemente da memória, aciona a visibilidade de determinados grupos que na abordagem da história cultural, passam a ser vistos como construtores de sentidos e significados sobre fatos, situações e experiências identificadas no mundo vivido.

Essa trama de significados constituídos via memória, oralidade, espaço e relações sociais formam uma concepção identitária que envolve a cidade de Cachoeira e a Irmandade. Falando de identidade e de sua construção, Tomaz Tadeu da Silva afirma que:

“Tornou-se lugar-comum destacar a diversidade das formas culturais do mundo contemporâneo. É um fato paradoxal, entretanto, que essa suposta diversidade conviva com fenômenos igualmente surpreendentes de homogeneização cultural. Ao mesmo tempo em que se tornam visíveis manifestações e expressões culturais de grupos dominados, observa-se o predomínio de formas culturais produzidas e vinculadas pelos meios de comunicação de massa, nas quais aparecem de forma mais destacadas as produções culturais estadunidenses.” (SILVA, 2005, p. 85)

O autor aponta o fato de que para se compor uma identidade, é preciso mais do que meramente reproduzir um modelo previamente elaborado para tal fim, e que os discursos de diversidade e tolerância cultural trazem, muitas vezes, em seu cerne uma proposta de pseudo “homogeneização” da cultura que deve “representar” as demais. Tomaz Tadeu salienta ainda que toda escolha não se mostra isenta de vontade política e portanto não se mantém livre das relações e mecanismos de poder que determinam.

No último ano (2008), várias mobilizações foram feitas por parte do governo estadual no sentido de chamar a atenção pra cidade de Cachoeira, sob o pretexto de resgatar o valor histórico e a importância que a cidade tem no estado. Na data de 25 de junho de 2008, em reverência a data histórica o governador do estado e o secretário de turismo transferiram oficialmente para a cidade a sede do governo baiano, o que a partir de agora, deverá acontecer todos os anos. Fazendo uma alusão simbólica ao dia 25 de junho de 1822, quando Cachoeira e alguns municípios vizinhos, iniciaram as lutas pela independência da Bahia. A transferência está prevista na lei 10.695/07, aprovada pela Assembléia Legislativa e sancionada pelo governador. Gastou-se muito em mídias (imprensa e eletrônica) a fim de dar visibilidade a Cachoeira e a Irmandade, sobretudo para turistas estrangeiros, os que não por acaso, tem mostrado maior potencial financeiro e interesse em usufruir o tão propagado quanto indistinto “turismo étnico”.

Esse fato elucidada que as relações de poder a vontade política podem construir e difundir, por assim dizer, uma identidade que melhor se ‘molde’ aos interesses da minoria dominante sob os mais criativos discursos e meios de comunicação de massa. Muitos baianos ouviram falar desse dia, mais muito poucos sabem o que realmente identifica ou significa a Irmandade, a cidade de Cachoeira bem como seu contexto histórico.

A CULTURA QUE ESSE CORPO EXPRESSA: RITOS DO CORPO

A confraria da Irmandade reúne e revela a manifestação do corpo, em suas mais variadas faces (o tempo, a ceia, a procissão, a hierarquia feminina, o vestuário, a simbologia dos adereços utilizados, os gestos) e revela uma cultura que identifica o local (Cachoeira-Recôncavo) pela memória e história de luta de seu povo.

Por meio do corpo e de como ele conduz e é conduzido nessa manifestação, é possível perceber como se desenvolvem os processos pelos quais a cultura corporal é evidenciada na Irmandade. Todos os momentos da festividade passam pela relação com o corpo, seja com a história das próprias irmãs, dos observadores ou do ritual que compõe a confraria. Os movimentos dos corpos contam uma história, a partir deles mesmos, das marcas tatuadas nos corpos passados e que permanecem nos rituais presentes.

Nos dias da Festa da Boa Morte, anualmente realizadas em agosto, elas organizam diversas atividades públicas “sagradas e profanas” (como o pedido de esmolas realizado uma semana antes das festividades e o samba-de-roda), nas ruas sem muros e de paralelepípedos das cidades e dentro dos muros da Capela, referenciando a sua história e memória. Realizam, em contrapartida a esta publicização de sua alegria alguns rituais secretos, relacionados ao culto dos Orixás, que pelo respeito a manutenção do caráter secreto não são revelados, embora imprescindíveis na preservação da simbologia religiosa da Festa. Nestes termos, observa-se um viés de sincretismo religioso, pois as mães de santo dos terreiros do candomblé, Irmãs da Boa Morte, vão a Igreja, rezam e comungam comemorando a existência e permanência dessa confraria. Na programação pública comparecem pessoas de todos os lugares, compreendendo-se este momento como um dos mais representativos documentos vivos da religiosidade brasileira, íbero-africana e barroca, de acordo com Morais Ribeiro. No calendário da festa encontramos momentos para a confissão dos membros na Igreja Matriz, cortejo representando o falecimento da Nossa Senhora, sentinela noturna que é acompanhada de uma ceia branca, que segue os costumes religiosos interditando o dendê e a carne vermelha no dia, a procissão e o samba-de-roda, dentre outras manifestações complementam as festividades.

No primeiro dia de celebração na capela pertencente à Irmandade, vestidas de branco, as Irmãs mostram um corpo consternado pela dor devido à perda de irmãs e celebração da “Boa Morte” de Nossa Senhora da glória. Um corpo que sente o passar do tempo, mas sente ainda mais a falta e a reverência que devem ser dedicadas a essa fé secular. Posteriormente, nesta mesma noite, elas preparam e servem para a população presente uma ceia composta de peixes, frutos do mar, pão e vinho, é a chamada Ceia Branca. Expressam no corpo, nas expressões e indumentárias a história da luta que travaram em prol da libertação dos negros escravizados.

No segundo dia de comemoração, é celebrada mais uma missa simbólica na capela da Irmandade com a imagem de Nossa Senhora, uma espécie de enterro, nessa ocasião as irmãs não utilizam em seus corpos jóias ou adereços, mais utilizam suas melhores vestimentas: uma saia rodada, blusa branca e pano da costa negro e vermelho. O cortejo, de passos miúdos e corpo tombado explicita a dor e o luto, as irmãs seguem entoando suas cantigas de saudação e louvor a Nossa Senhora.

No dia seguinte, geralmente uma sexta-feira, a cidade é brindada por uma chuva de fogos de artifícios que anunciam a retomada das atividades, no dia referenciado por Oxalá, criador do Universo. A procissão relativa a Assunção de Nossa Senhora da Boa Morte, a indumentária escolhida é a rigor. As irmãs percorrem as ruas principais de Cachoeira acompanhadas pelas filarmônicas. Seus trajes e suas posturas e expressões corporais denotam seriedade, consternação e alvidez. É muito forte a alegria expressa

nos gestos, nas faces, nas expressões posturais, enfim, no corpo das irmãs. Alegria que contagia os presentes. As cores são vivas. As indumentarias muito enfeitadas, com inúmeros cordões e pulseiras, muita comida e música. Neste dia, a Valsa e o samba-de-roda tomam conta das ruas de Cachoeira. Este momento se prolonga por tantos outros dias, conforme a arrecadação realizada durante o ano. O corpo negro das mulheres da Boa Morte expressa a alegria e a vitalidade de uma cultura que, não obstante o esforço empreendido pela ideologia dominante para ocultá-la, abafá-la, silenciá-la, permanece vida e vigorosa expressando a mais nobre vitalidade humana, corporal.

Quando interrogadas acerca da Assunção de Nossa Senhora, é praticamente unânime o que elas consideram:

“... Nossa Senhora adormeceu e foi pro céu de corpo e alma Assunção e não Ressurreição Nossa Senhora não foi enterrada pra ter a ressurreição não, Nossa Senhora adormeceu, veio um coro de anjo do céu levou ela de corpo e alma no dia 15 de agosto. É por isso que diz Assunção de Nossa Senhora, É por isso que diz Nossa Senhora da Boa Morte, foi a única que teve a Boa Morte, nem Jesus não teve Boa Morte que morreu na cruz...

Fala de Maria das Graças (Integrante da Confraria)

Conforme afirma Paula Silva consideramos que estas expressões culturais que traçam a identidade de um determinado grupo social confirmam que:

“o homem é um “agente” cujas propriedades intrínsecas reagem vigorosamente contra a poderosa pressão dos padrões sociais e culturais desfavoráveis. O corpo humano não é como uma folha de papel em branco, tal qual afirmava Locke, em que a cultura pode escrever seu texto. O corpo (homem) é uma entidade com sua carga própria de energia estruturada de determinadas formas, que, ao ajustar-se, reage de maneira específica e verificável às condições exteriores.” (PAULA SILVA, 2003, p. 46)

Compreender o corpo como a possibilidade de existência e expressão de uma cultura situada, a cultura corporal, possibilita compreendê-lo como elemento de afirmação da cultura afro-brasileira. Seus estudos contribuem para o entendimento das diferentes culturas e elementos identitários que se destacam em cada uma delas. Possibilita mais. Concordamos com Marx ao afirmar que o ser humano caracteriza-se pelo princípio do movimento. No entanto, conforme esclarece o autor, este movimento não pode ser interpretado mecanicamente, mas como impulso, vitalidade criadora, energia. Por seu lado, a paixão humana é a faculdade essencial do homem esforçando-se energeticamente por alcançar seu objeto.

A Irmandade da Boa Morte é um exemplo, dentre tantas manifestações artísticas e culturais, que tem resistido se re-significando, se propagando por meio do corpo. Entendemos o homem como um ser eminentemente cultural e construído historicamente dentro de uma determinada sociedade. Neste sentido, revelar algumas das diversas relações entre as manifestações culturais presentes na sociedade baiana, no que se refere à cultura afro-brasileira, sob a ótica da cultura corporal, oportuniza aprofundar a investigação do corpo e da cultura a partir de novos recortes nesta temática relevante e

ainda pouco explorada no universo acadêmico; menos ainda, no contexto educacional brasileiro.

Desde o século XIX, com a insurgência popular que alcançava o Brasil na luta pela libertação, havia a “penetração dos costumes europeus no Brasil e as reações à cultura popular brasileira [...] num desvirtuamento da realidade social. Além disso, o povo brasileiro era entendido como de índole pacífica; a efervescência social em que vivia o Brasil foi omitida pelos intelectuais, as diferenças eram consideradas naturais, e as hierarquias, quase imutáveis”. Na perspectiva de ocultar dados da realidade, esta visão idealista de nossa História, esqueceu-se deliberadamente a violência do cotidiano, “a fome, a falta de condições de higiene e de moradia, a obrigação do trabalho sem lazer, os bens culturais da maior parte da população brasileira – entre eles as atividades físicas sistematizadas, como a capoeira que tornava os homens do povo fortes, ágeis, corajosos, homens prontos para lutar por sua liberdade, por sua emancipação” (Paula Silva, 2003, p.48).

A festa da Boa Morte, em contraposição, nos conta e re-escreve permanentemente essa história real, de luta e de glória, de prazer e alegria, explicitados no samba-de-roda, nas andanças pela cidade, nas comidas rememoradas, elaboradas, re-elaboradas e oferecidas para o povo pelas Irmãs da confraria. Esta festa denota a compreensão de uma história a partir dos “indivíduos reais”, das suas realidades concretas de vida, bem como de suas ações. No corpo das Mulheres da Confraria, temos a expressão de resistência da cultura popular, confirmando a concepção de Marx de que o corpo do homem é um corpo real, determinado, que se torna humano através da atividade criadora, produtiva. Esta relação entre o homem e a natureza é a chave para a compreensão da estrutura psíquica e moral do homem; a produção de suas próprias condições de vida é que o distingue dos animais.

LEITURAS NO CORPO E MUITAS HISTÓRIAS NAS MEMÓRIAS CORPORAIS DA BOA MORTE

“... A Irmandade da Boa Morte foi surgida de senzalas, de negros alforriados pelas escravas. E hoje as descendências das escravas vivem cultuando fazendo seu trabalho que é sempre com a ritualidade da irmandade...”

Fala de Anália da Paz (Integrante da Confraria)

Constatamos na Festa da Boa Morte, festa das mulheres de Cahoeira-BA, nas ações corporais contidas nos ritos e ambientes apresentados, bem como nas falas analisadas, a presença e penetração dos costumes europeus, ocidentais todo o tempo. Em contrapartida, ficou nítido a marca da identidade africana no corpo, na cultura que ele expressa, em toda a festa, nos mínimos detalhes, como por exemplo, na cor da *tess* da maioria das mulheres da confraria, na gestualidade de todos os momentos do ritual, nos temperos e comidas preparadas e oferecidas, nas cores das vestimentas, nas demais indumentárias utilizadas durante a Festa e, principalmente, na expressão do corpo negro e da cultura popular brasileira, que reagiu e continua reagindo a hegemonia cultural eurocêntrica, branca.

As integrantes da Irmandade da Boa Morte tem consciência de si, da história que carregam consigo, do sincretismo religioso e da fé que envolve a Irmandade, suas integrantes e sua hierarquia social. Pelo que pudemos perceber algumas delas possuem consciência histórica do significado libertário desta prática, numa sociedade patriarcal, de hegemonia branca e escravista, bem como da relevância desta história memória permanecer viva na cidade, do referencial identitário que construíram ao longo de tantas gerações. O papel fundante do corpo nesse processo é conclusivo para afirmação da cultura de herança afro-brasileira, ressignificada e repatriada pelas irmãs de corpo e de fé integrantes da Irmandade.

Percebendo a cultura como uma palavra impregnada de história e de significado é válido pensar que não se pode dispensar a produção de saber científico nesse campo teórico, como forma de interpretação da realidade, pois, as expressões culturais mantendo-se afastadas e até desconhecidas de seu povo, por se encontrarem fora das escolas, acabam por distanciar a história de constituição identitária, luta e resistência, estruturando uma ruptura entre o saber e a relação social e impondo uma barreira frente à construção de um pensamento crítico diante da realidade a qual se pertence.

Como resultados preliminares deste estudo, compreendemos que a articulação das relações entre a Irmandade e alguns dos elementos corporais que a constituem são relevantes para detectar expressões e significações históricas e culturais, contribuindo para a consideração de nossa identidade afro-brasileira. Apontamos a necessidade de um aprofundamento deste estudo a partir dos conhecimentos tratados na escola, de forma a confirmarmos as possibilidades de consideração desta expressão cultural no universo escolar, que ainda se mostra de maneira incipiente. Ao desenhar e destacar elementos paradigmáticos dessa cultura que permanece, pretende-se contribuir em sua re-escrita, indicando a escola como um dos principais elementos para essa compreensão identitária de nosso povo com nossa história e cultura, ainda tão silenciada⁵.

REFERENCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A educação como cultura. Campinas, SP; Mercado de Letras, 2002.
- BURKE, Peter. O que é História Cultural? Tradução: Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CASTRO, Armando Alexandre Costa de. Irmãs de fé: Tradição e Turismo no Recôncavo Baiano. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.
- DAÓLIO, Jocimar. Da Cultura do Corpo. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História Oral – memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, RJ; LTC Editora S.A., 1989.
- GREINER, Cristiane. O Corpo: pistas sobre estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume; 2005.

⁵ Esse estudo prossegue, no sentido de ampliar essa discussão e as problemáticas que envolvem a compreensão de corpo e faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, que pretende aquecer ainda mais essas questões, por ora, aqui levantadas.

- LODY, Raul. Devoção e culto a Nossa Senhora da Boa Morte: Pesquisa sócio-religiosa. Rio de Janeiro: Altiva Gráfica e Editora Ltda. 1981.
- PORTER, Roy. História do Corpo. In: A Escrita da História: Novas perspectivas Peter Burke (org). Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- REIS, João José. As Irmandades. In: A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XX. São Paulo: Companhia das letras, 1991.
- SILVA, Maria Cecília de Paula. Da Educação Física, moral e intelectual a um corpo idealizado: desvelando o discurso médico nas teses da faculdade de medicina do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PPGEF/UGF. 2002.
- SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. Documentos de Identidade; uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte; Autêntica, 2005.
- _____ (org). Identidade e diferença: as perspectivas dos estudos culturais. Stuart Hall, Kathryn Woodward. 8ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- SILVEIRA, Renato da. O Candomblé da Barroquinha: processo de constituição do primeiro terreiro baiano de Keto. Salvador: Edições Maianga, 2006
- TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

Prof. Dr^a. Adjunto do Dept^o III de Ed. Física da Faculdade de Educação/ Orientadora e Líder do grupo História, Cultura Corporal, Esporte, Lazer e Sociedade - HCEL/FACED/UFBA.

E-mail: cecilipaula@yahoo.com.br

Mestranda em Educação (na Linha Educação, Cultura Corporal e Lazer) pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Pesquisadora do Grupo HCEL e da Iniciação Científica nos anos de 2005 a 2007 - FACED/UFBA.

E-mail: liliangsq@hotmail.com

Recursos a serem solicitados para apresentação: Data-show.